



Projeções da Revolução Mexicana na América Latina no pós 1917: o caso brasileiro

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i2.44489>

Natally Vieira Dias

Universidade Estadual de Maringá, UEM, Brasil. E-mail: natyvdias@gmail.com

=====

Palavras-chave: Revolução Mexicana; Intelectuais; socialismo brasileiro; jornal <i>Vanguarda</i> .	Resumo: Este artigo analisa a projeção continental do México revolucionário no pós 1917 a partir do caso brasileiro. Após a eclosão da Revolução Russa, o modelo bolchevique passou a rivalizar indiretamente com o protagonismo que o México revolucionário pretendia exercer no cenário latino-americano. Assim, a ideia de um “autoctonismo continental” passou a ser enfatizada na propaganda mexicana como elemento que faria da Revolução Mexicana um modelo mais apropriado de transformação social para os países latino-americanos. Discutimos neste artigo os aspectos tomados pela propaganda mexicana e algumas apropriações da experiência revolucionária do México por parte dos brasileiros, com destaque para o caso dos socialistas.
Key words: Mexican Revolution; Intellectuals; Brazilian socialism; <i>Vanguarda</i> newspaper.	Resonances of Mexican Revolution in Latin American in post 1917: the Brazilian case Abstract: This article analyzes the impact of revolutionary Mexico on the American continent after 1917 from the perspective of the Brazilian case. After the outbreak of the Russian Revolution, the Bolshevik mode indirectly began to antagonize the intended protagonism sought by revolutionary Mexico in the Latin-American scenario. Thus, the idea of a “continental autochthonism” started being highlighted in Mexico’s propaganda as the main component capable of turning the Mexican Revolution into the most appropriate mode of social transformation in Latin American countries. Some of the aspects of the Mexican propaganda as well as some of the appropriations of Mexico’s revolutionary experience by Brazilians – especially by the socialists – are also addressed in this study.
Palabras clave: Revolución Mexicana; Intelectuales; socialismo brasileño; periódico <i>Vanguardia</i>	Proyecciones de la Revolución Mexicana en Latinoamérica en el pos 1917: el caso brasileño Resumen: Analizamos la proyección continental del México revolucionario en el pos 1917 a partir del caso brasileño. Con la eclosión de la Revolución Rusa, el modelo bolchevique pasó a rivalizar indirectamente con el protagonismo que el México revolucionario buscaba ejercer en el escenario latinoamericano. Por lo tanto, la idea de un “autoctonismo continental” pasó a ser enfatizada en la propaganda mexicana como elemento que haría de la Revolución de México el modelo más apropiado de transformación social para Latinoamérica. Discutimos en este artículo los aspectos tomados por la propaganda mexicana y también algunas apropiaciones de la experiencia revolucionaria de México por los brasileños, con destaque para el caso de los socialistas.
Artigo recebido em: 06/09/2018 . Aprovado em: 14/09/2018	

A iniciativa de incluir a Revolução Mexicana entre os centenários que estão sendo comemorados em 2017 me parece bastante apropriada. Apesar de o processo revolucionário ter se iniciado em 1910, o ano de 1917 foi um marco da luta revolucionária no México devido à promulgação da nova Carta Constitucional. A Constituição Mexicana de 1917 consolidou as pautas sociais marcantes no movimento revolucionário – tais como a necessidade de reforma agrária e de direitos trabalhistas, com o estabelecimento de jornada máxima de 8h de trabalho e o direito de greve, por exemplo. A nova Constituição mexicana, que emanava do processo revolucionário, também ganhou importância no cenário internacional, pois foi a primeira Carta Constitucional em que tais direitos eram reconhecidos.

Mas o ano de 1917 acabou sendo importante também para o México revolucionário por causa de um outro evento, nesse caso externo ao contexto mexicano, mas que impactou indiretamente a projeção internacional da Revolução Mexicana, que foi um elemento marcante do Estado mexicano pós-revolucionário. Trata-se da eclosão da Revolução Russa, que passou, então, a encarnar um outro modelo de transformação

da ordem social e, indiretamente, a rivalizar com o protagonismo que o México revolucionário esperava conquistar ao menos no cenário latino-americano.

Por volta de 1917, o grupo dos constitucionalistas – que havia vencido as disputas internas da Revolução Mexicana e chegara ao poder em 1915 – já havia iniciado uma ambiciosa propaganda da Revolução Mexicana no cenário sul-americano utilizando-se principalmente dos meios diplomáticos e da imprensa.¹ Nas duas décadas seguintes, a propaganda revolucionária mexicana continuou sendo levada a cabo de diversas maneiras, mas sem alterar a estratégia básica construída pelos constitucionalistas ainda nos anos 10, que se baseava na promoção de uma identidade latino-americana de forte cunho anti-imperialista que concebesse o México como seu principal articulador e tomasse a Revolução Mexicana como o modelo de transformação autóctone ao continente.

A ideia de um “autoctonismo” como elemento que faria da Revolução Mexicana um modelo mais apropriado e autêntico para o continente só faz sentido a partir de uma lógica comparativa com outro paradigma revolucionário, que era exatamente o caso

¹¹A propaganda mexicana na América do Sul teve início com o envio de Isidro Fabela pelo governo Carranza, em 1916, como representante diplomático do país na Argentina, no Brasil, no Chile e no Uruguai, onde passou a empreender uma série de ações estratégicas para projetar o México e sua revolução no sul do continente. Essa atuação diplomática fazia parte de uma ampla campanha propagandística do México revolucionário na América Latina, que foi articulada pelos constitucionalistas como uma espécie de “retaguarda” para a Revolução Mexicana frente ao perigo intervencionista estadunidense. Cf. YANKELEVICH, 1999.

russo.

A proposta desse trabalho é destacar alguns pontos da projeção internacional do México revolucionário no pós 1917 a partir do caso do Brasil. Darei destaque tanto para os aspectos tomados pela propaganda mexicana quanto para algumas apropriações que foram feitas da experiência revolucionária do México por parte dos brasileiros, com destaque para o caso dos socialistas.

Começo por um artigo propagandista da Revolução Mexicana foi publicado, em 1918, na *Revista Americana*.² Esta revista, ligada ao Itamaraty, era uma das raras publicações brasileiras voltadas para o conhecimento mútuo entre os países do continente, então não é difícil entender porque esse foi um dos primeiros espaços usados pelos constitucionalistas para a sua propaganda revolucionária no Brasil. O artigo era intitulado exatamente “D. Venustiano Carranza”, o nome do líder dos constitucionalistas e então presidente mexicano.

Apesar do título indicar o aspecto personalista do texto, a apologia de Carranza não era o único objetivo do artigo. Tanto quanto destacar as virtudes políticas e diplomáticas do mandatário mexicano,

também podemos observar que uma de suas funções centrais era afastar a imagem da Revolução Mexicana do exemplo russo. Para isso, o texto frisava que, no caso do México, “nunca” se “ofereceu o programa socialista, prometeu a repartição generalizada da terra ou assegurou o domínio absoluto dos sindicatos”. (PALAVICINI, 1918, p. 19-28)³

Na visão do autor artigo, Félix Palavicini – antigo Secretário de Instrução Pública mexicano (entre 1915 e 1916) e um dos principais nomes do constitucionalismo naquele momento –, tudo isso mostrava o caráter “realista” da Revolução Mexicana, que “manteve-se no terreno da realidade” e distante de posições mais extremas. (Ibidem) Obviamente, o exemplo de extremismo subentendido aqui era a revolução da Rússia.

Certamente essa descrição tão comedida da Revolução Mexicana, ao ser publicada numa revista ligada ao mundo da oficialidade diplomática brasileira, tinha o intuito de apaziguar os ânimos daqueles que temiam a radicalidade das propostas populares do movimento revolucionário mexicano. Mas é interessante observar como esse argumento sobre a não radicalidade da revolução do México foi um elemento que perpassou a propaganda mexicana no continente, chegando a ser levantado, já nos

²A *Revista Americana* circulou entre 1909 e 1919, com períodos de interrupção, e tinha estreitos vínculos com o Itamaraty, apesar de não ser um órgão oficial do Ministério das Relações Exteriores. Sobre a trajetória da revista, seu perfil editorial e projeto diplomático, consultar: CASTRO, 2012; BAGGIO, 2006.

³A tradução de todos os textos em língua estrangeira é de minha autoria.

anos 30, até mesmo por aqueles que defendiam que a Revolução Mexicana se direcionava no sentido de “estabelecer uma política social de preparação socialista”.

Essa afirmação aparece uma publicação oficial da Secretaria de Relações Exteriores do México, datada de 1933, e que foi enviada ao Brasil.⁴ No livreto, assinado pelo próprio secretário mexicano, José Manuel Puig Cassauranc, afirmava-se que a Revolução do México caminhava no sentido socialista, mas que possuía uma “ideologia” e “métodos” próprios; ou seja, que o socialismo mexicano era diferente do soviético. (PUIG CASSAURN, 1933a, p. 16-7)

No caso do México, argumentava o secretário mexicano, o sentido da Revolução não passava por uma proposta de “igualdade absoluta teórica”, mas pretendia proporcionar à população uma “*relativa* satisfação de viver”; um “*grau médio* de vida realmente humana” e um “*mediano* contentamento geral.” (Idem, p. 18. Gifos nossos) O “médio” ou “relativo” da experiência mexicana é aqui contrastado explicitamente com o “absoluto” do caso russo, que é ainda identificado como “teórico” e, assim, indiretamente criticado como irrealizável.

O representante oficial das Relações

Exteriores do México aprofundou a comparação entre as revoluções mexicana e russa em uma outra publicação oficial datada do mesmo ano, 1933, intitulada *La aspiración suprema de la Revolución Mexicana*, que também foi enviada ao Brasil. Para o secretário mexicano, o único objetivo da Revolução Russa, desde o início, tinha sido “transform[ar] o país de um regime agrícola feudal [...] em um país iminentemente industrial” e essa também tinha sido a única “obra dos últimos anos” na Rússia, embora aparecesse “adornada, disfarçada, envolvida na túnica cor de rosa do comunismo.” No caso do México, ao contrário, tratava-se de uma “Revolução social” em todas as esferas, o que incluía – cito o mexicano: a “nacionalização dos recursos mal aproveitados” e “das fontes de riqueza nacional”; um “ajuste severo das relações entre exploradores e explorados, para maior justiça social”; a “organização das massas e [a] aceitação da existência de forças direcionadoras do movimento sindical”; a “resolução inteligente e justa do problema agrário” e o “cultivo da elevação das faculdades espirituais do povo”, através da promoção da educação e da cultura. Ainda segundo o secretário mexicano, era no conjunto de todas essas ações que

⁴Essa publicação faz parte de uma série de livros e livretos oficiais, publicados no México e enviados ao Brasil, contendo informações sobre diversos aspectos políticos, econômicos e culturais do país. Várias dessas publicações, datadas a partir de 1918, fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e os registros de entrada que aparecem em várias delas mostram que foram disponibilizadas à biblioteca logo após a publicação, o que aponta para um empenho no sentido da difusão dessas informações.

condensava-se o que poderia ser chamado de “ideologia da Revolução [Mexicana]”. E, na sua concepção, muitos dos que voltavam olhos para o bolchevismo o faziam pelo desconhecimento da experiência mexicana. (PUIG CASSAURN, 1933b, p. 17-8)

A contraposição da Revolução Mexicana à Russa, em favor da primeira, parece óbvia em um discurso oficial mexicano projetado para ser difundido internacionalmente, como era o caso. No entanto, há um elemento que chama muito a atenção nesse discurso, quando o secretário mexicano de Relações Exteriores argumenta que o bolchevismo seria um método político que “em última instância, não interessa[va] quando o que se busca[va] [...] e[ra] um resultado de ordem social para o México”, coisa que “só métodos mexicanos pode[ria]m conseguir.” (Idem, p. 16-7)

Ora, pelo mesmo raciocínio seria possível, então, questionar a validade dos “métodos mexicanos” para outros espaços nacionais, argumento que invalidaria a propaganda revolucionária mexicana na qual se enquadrava o referido discurso. É aqui que intervém o latino-americanismo como elemento central da propaganda mexicana.⁵ A base de sua projeção continental era a ideia de a revolução do México podia ser apropriada

por outros países do continente porque eles compartilhariam de uma mesma identidade histórico-cultural; esse fator permitiria que a experiência mexicana não fosse “exótica” às diversas, mas não completamente distintas, realidades latino-americanas.

É interessante observar que essa ideia de que haveria semelhanças estruturais entre o México e o Brasil foi, de fato, um elemento importante para a valorização da Revolução Mexicana por parte das esquerdas brasileiras, mesmo entre grupos que não partilhavam do ideário latino-americanista, como era o caso dos socialistas. Foi a partir dessa percepção que o México revolucionário acabou ocupando um espaço significativo nos debates travados entre diferentes grupos de esquerda no Brasil pós o advento da Revolução Russa.

Na verdade, desde os anos 10, período da guerra civil no México, a Revolução Mexicana teve uma intensa repercussão em publicações brasileiras ligadas ao movimento operário. Em geral, a Revolução do México foi interpretada como um processo que caminhava rumo à constituição de uma sociedade anarquista e, assim, inicialmente ganhou bastante espaço nos jornais operários brasileiros. Entretanto, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o refluxo da

⁵Conforme observou o historiador Pablo Yankelevich (1997, p. 373), a política latino-americanista do México a partir da Revolução de 1910 deve ser entendida como um “ato defensivo” em face da ameaça intervencionista norte-americana em relação ao México revolucionário, o que, inclusive, chegou a manifestar-se militarmente, em 1914, com a invasão do porto mexicano de Vera Cruz por *marines* estadunidenses.

mobilização anarquista no México e a vitória da Revolução Russa, a experiência mexicana foi progressivamente abandonada pelas publicações operárias brasileiras, cedendo espaço ao paradigma soviético. (SOUSA, 2011)

Essa mudança de perspectiva em relação à Revolução Mexicana, na realidade, traduzia uma transformação mais ampla observada em boa parte da militância de esquerda no Brasil a partir da vitória da Revolução Bolchevique. Como é bastante sabido, muitos dos antigos militantes anarquistas e socialistas passaram, então, a se alinhar ao paradigma comunista, encontrando na exitosa experiência soviética o melhor caminho para a transformação da ordem social. Porém, parte dessa militância, particularmente aquela identificada ao socialismo, não apoiou a aproximação ao modelo soviético, acreditando na possibilidade de transformar a sociedade por vias democráticas e reformistas.

Em meados dos anos 20 essas duas tendências da esquerda brasileira já rivalizavam entre si através dos seus respectivos partidos, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922, e o

Partido Socialista Brasileiro (PSB), em 1925.⁶ A partir da organização partidária dos socialistas o enfrentamento entre as duas posições passou a se expressar de forma candente por meio da imprensa. Um amplo debate político-ideológico se instaurou a partir de 1925 opondo, de um lado, os comunistas à frente de jornais como *A Classe Operária*, que era o órgão oficial do PCB, e o jornal *Voz Cosmopolita*, encabeçado por Astrojildo Pereira; e, de outro, o periódico *Vanguarda*, que na época servia de porta-voz dos socialistas.⁷

Os debates travados a partir dessas publicações mostram que a experiência revolucionária do México foi uma referência importante nesse momento de definição ideológica. A vertente socialista foi a que mais manifestou interesse pelo que se passava no México e a Revolução Mexicana foi extremamente valorizada por esse grupo. Mas a apropriação que os socialistas brasileiros fizeram dos acontecimentos mexicanos somente se esclarece quando entendemos a posição assumida pelo PSB no cenário brasileiro e, principalmente, como a perspectiva socialista se forjava a partir da crítica ao modelo russo seguido pelo PCB.

⁶Antes da formação do PSB nos anos 20, existiram diversas experiências partidárias socialistas, principalmente de caráter local, destacando-se os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Sobre a trajetória do socialismo brasileiro, consultar: MORAES FILHO, 1981; JOFFILY, 2012.

⁷O jornal *Vanguarda* era parte da grande imprensa, estruturava-se como empresa, sendo financiado por anúncios comerciais, e era voltado principalmente à divulgação de notícias. Ao mesmo tempo, destacava-se pela participação – tanto entre o corpo editorial quanto entre seus colaboradores – de importantes figuras de alinhamento esquerdista, possuindo, inclusive, uma página específica dedicada a assuntos ligados aos interesses e demandas dos trabalhadores, intitulada “Pelo mundo proletário”. Nessa página foram publicadas as matérias sobre o México que citamos neste artigo.

Na visão dos socialistas, encabeçados por Agripino Nazaré,⁸ o PCB seria incapaz de transformar a “realidade brasileira” exatamente porque não se interessava por essa realidade e, assim, “mostra[ava]-se incapaz de sugerir um método próprio de ação”. A principal crítica dos socialistas era que os comunistas não percebiam as especificidades nacionais e simplesmente tentavam copiar o modelo soviético. Afirmavam que o PCB “não pensa[va] como deveria pensar porque t[inha] os pés no Rio de Janeiro e a cabeça em Moscou”; dizia querer implantar no Brasil as “novas realidades” soviéticas porque era incapaz de perceber que “as ‘novas realidades da Rússia’ estão para nós como a terra para a lua.” (NAZARÉ. *Vanguarda*, 25/01/1926, p. 3)

Além da acusação de uma assimilação acrítica do comunismo por parte do PC brasileiro, podemos encontrar no discurso dos socialistas uma crítica contundente ao próprio comunismo soviético, identificado por eles como “socialismo autoritário”. Os socialistas brasileiros chegaram inclusive a manifestar a esperança em um “recuo estratégico” da Revolução Russa para um regime de “moderantismo [sic] social.” Foi

precisamente a partir da noção de “moderação” que o México revolucionário emergiu nas páginas do jornal *Vanguarda*, plataforma dos socialistas, como um “exemplo” ou “modelo”, palavras frequentemente usadas por eles para se referirem à experiência mexicana. (*Vanguarda*, 04/01/1926, p. 5 e 09/08/1926, p. 5)

O conjunto dos comentários feitos em *Vanguarda* revela que, para os socialistas brasileiros em meados dos anos 20, o México experimentava um processo que caminhava no sentido da construção de uma sociedade socialista, dentro do qual a mobilização dos trabalhadores havia originado um governo capaz de expressar demandas populares e efetivar reformas sociais. A partir dessa compreensão, as transformações desencadeadas no México a partir da Revolução foram percebidas como a experiência histórica que melhor traduzia os anseios social-reformistas que eram defendidos pelo Partido Socialista brasileiro.

Até certo ponto é possível relacionar tal leitura da situação mexicana com a ascensão da Condeferación Regional Obrera Mexicana (CROM) durante o governo Calles,

⁸Embora seja uma figura pouco lembrada pela historiografia, Agripino Nazaré foi uma das principais lideranças de esquerda do Brasil no início do século XX. Advogado de origem baiana, participou da mobilização anarquista no Rio de Janeiro nos anos 10, ao lado de Astrojildo Pereira e José Oiticica, e organizou o movimento em seu estado natal, onde liderou a primeira greve geral, em 1919, e fundou o Partido Socialista Baiano, em 1920, pelo qual concorreu, sem êxito, à Câmara dos Deputados. Em 1921, após ter sido preso e deportado do estado da Bahia, retornou ao Rio, onde participou da fundação do grupo *Clarté* no Brasil e, em seguida, atuou na formação do Partido Socialista Brasileiro. A trajetória de Agripino Nazaré, bem como um resumo da polêmica travada entre o líder socialista e a Comissão Executiva do PCB em 1926, através dos jornais *Vanguarda* e *Voz Cosmopolita*, podem ser encontrados em: CASTELLUCCI, 2013.

quando foi assinado o primeiro contrato coletivo de trabalho, em 1925, e o líder sindical Luis Morones assumiu o cargo de secretário de Indústria, Comércio e Trabalho. (AGUILAR CAMÍN; MEYER, 2000, p. 104-5; 159-60) Mas também é possível encontrar algumas pistas a respeito da importância da ação exercida pelos próprios mexicanos – mais precisamente pelo embaixador – para a consolidação do México como uma referência entre os grupos de esquerda no Brasil.

Uma das primeiras menções ao México encontradas no periódico porta-voz dos socialistas é uma matéria intitulada “O México na vanguarda das reivindicações proletárias”. No texto, que foi publicado juntamente com uma foto então embaixador mexicano no Brasil, Álvaro Torre Díaz, o foco é a existência de governos socialistas no estado mexicano do Yucatán, com destaque para o fato de os candidatos do Partido Socialista local estarem sendo eleitos de forma democrática. A publicação ocorreu por ocasião da eleição de Torre Díaz, que deixava o posto de embaixador do México no Brasil para assumir o governo do referido estado mexicano.

IMAGEM 1



Página “Pelo Mundo Proletário” do jornal *Vanguarda*, 16/11/1925, p. 5.

A matéria se iniciava com a seguinte crítica: “um desconhecimento da mentalidade mexicana, aliado à propaganda que interessava a determinadas nações, concorreu para que se fizesse, mesmo no Brasil, um conceito errôneo e injusto dos homens e das coisas do grande país dos astecas.” Entretanto, afirmavam os socialistas, um “novo e seguro juízo” sobre o México havia se formado entre os brasileiros por obra do embaixador mexicano, que lhes “revelou” o país, mostrando-o “principalmente no terreno das conquistas proletárias.” (*Vanguarda*, 16/11/1925, p. 5)

Segundo os socialistas brasileiros, o embaixador mexicano havia participado de um Congresso de Mutualidade e Previdência Social, reunido no Rio de Janeiro na época da

comemoração do centenário da Independência brasileira. Na ocasião, o embaixador do México teria mostrado como “o proletariado mexicano estava colocado na vanguarda do proletariado da América” e que sua “legislação trabalhista [...] era um modelo do qual não poderiam desdenhar [até mesmo] os trabalhadores europeus.” Ainda segundo a mesma fonte, o embaixador mexicano teria evocado “a recente Constituição [mexicana]” como comprovação a tudo o que afirmava sobre seu país. (Ibidem)

Essas palavras revelam, sem lugar a dúvidas, a importância da atuação do embaixador mexicano para a consolidação de uma imagem positiva do México entre os brasileiros ligados ao movimento operário, em 1922, durante as festividades do nosso centenário. Nessa ocasião, a marcante presença cultural mexicana nos círculos oficiais e parte da intelectualidade esteve incontestavelmente encabeçada pelo ministro Vasconcelos,⁹ mas, ao que tudo indica, a presença do México revolucionário em termos de “conquistas proletárias” parece não ter sido menos marcante entre grupos da

esquerda brasileira, por meio da atuação do embaixador mexicano.¹⁰

A partir de então, através de uma série de referências positivas e reiteradas à experiência mexicana, os socialistas brasileiros construíram nas páginas de *Vanguarda* a narrativa de uma trajetória vitoriosa e ascendente das demandas populares no México, oferecendo aos leitores, em sucessivas edições, alguns exemplos concretos do que se passava dentro do México com vistas à solução dos principais problemas do país, muitos dos quais podiam ser observados também no Brasil.

Em fins de 1925, *Vanguarda* noticiou, por exemplo, que no México havia se reunido um congresso com “representantes dos cidadãos, governos estaduais e federal, câmaras de comércio e trabalho e diversos órgãos oficiais” para analisar a situação do alto custo de vida e propor soluções para “melhorar as condições da existência”. Enquanto as conclusões do congresso apontavam que “os pontos vitais da situação” estavam “inextrincavelmente ligados aos problemas agrários gerais” e recomendavam

⁹Sobre a marcante participação da comitiva mexicana nas comemorações oficiais do centenário da Independência brasileira e sua relação com a propaganda oficial da Revolução Mexicana no continente, cf. DIAS, 2015, especialmente o capítulo 2.

¹⁰O então embaixador mexicano no Brasil, Álvaro Torre Díaz, havia sido secretário na gestão de Salvador Alvarado, fundador do Partido Socialista do Yucatán (1916), futuro Partido Socialista do Sudeste (1921), pelo qual foi eleito o primeiro governador socialista do estado, Felipe Carrillo Puerto, em 1921. O Partido Socialista do Yucatán/ do Sudeste, é considerado o de maior importância entre os partidos locais surgidos da Revolução antes da fundação do Partido Nacional Revolucionário por Calles, em 1929. Felipe Carrillo Puerto foi morto, em 1924, durante a rebelião liderada por Adolfo de la Huerta e apoiada por parte do Exército contra a eleição de Calles. Cf. AGUILAR CAMÍN; MEYER, 2000, p. 111-13; 142-45).

a “estrita aplicação da lei constitucional” – com a “regulação das pequenas propriedades” e a “criação de comunidades mistas de patrões e empregados” –, o próprio governo mexicano se empenhava na solução mais imediata do problema, “tomando para si o abaixamento [sic] dos preços.” (*Vanguardia*, 30/11/1925, p. 4) Em outra descrição ainda mais explícita sobre a vitória das demandas populares no país revolucionário, o jornal porta-voz dos socialistas publicou em destaque uma matéria intitulada “O exemplo do México”, na qual se argumentava o seguinte:

Organizado sindical e politicamente [o proletariado mexicano], as suas conquistas não se limitam ao terra a terra [sic] das reivindicações peculiares às demais nações. Há no país dos astecas uma forte e profunda consciência proletária e social, mercê da qual os privilégios de casta [...] vão pouco a pouco se esboroando, para o advento de uma sociedade nova. [...] No México, os homens de Estado [...] são os homens do povo, são os trabalhadores, intelectuais ou não, que ocupam nas assembleias legislativas e sua administração os cargos dirigentes, aos quais só ascenderam depois da última revolução. (Idem, 09/08/1926, p. 5)

Nessa passagem podemos identificar a percepção de que “o advento da sociedade nova” no México era um processo ainda em marcha, cujo início remontava à “revolução”,

a partir da qual os “privilégios de casta” estavam sendo extinguidos, permitindo aos “homens do povo” ascenderem aos postos-chaves do poder político. Dentro dessa mesma noção da transformação social no México como um processo ainda em curso, a “questão religiosa” foi apontada pelos socialistas brasileiros como um dos principais “problemas que t[inham] que ser resolvidos para a completa transformação social que se opera[va] no México.” Este último comentário aparecia nas páginas do jornal brasileiro num momento em que se tornavam crescentes as hostilidades entre a Igreja e o Estado no México, mas ainda antes que o conflito se transformasse em um enfrentamento militar. Desde então, a posição anticlerical do governo Calles recebeu forte apoio nas páginas de *Vanguardia*. O jornal deu destaque para as “Palavras do presidente Calles à Convenção Geral dos Trabalhadores do México”, ocasião em que o governante mexicano teria apresentado a luta contra a Igreja Católica como parte de um combate histórico contra as forças reacionárias, frente às quais o Estado mexicano simplesmente exercia a legalidade constitucional que encarnava – em referência ao caráter anticlerical da Constituição de 1917. (*Vanguardia*, 12/04/1926, p. 5)

IMAGEM 2



Página “Pelo Mundo Proletário” do jornal *Vanguarda*, 12/04/1926, p. 5.

Cabe aqui refletir sobre as fontes de informação que os socialistas brasileiros possuíam sobre o México. As matérias citadas apresentam informações bastante específicas – como a trajetória do socialismo no Yucatán e um discurso realizado pelo presidente Calles aos trabalhadores mexicanos. As informações destacadas enfocam temas ligados às classes trabalhadoras, mas também guardam uma estreita relação com a política oficial, contando inclusive com fotografias das autoridades (do embaixador Torre Díaz e do presidente Calles).

Certamente esses dados não haviam chegado ao Brasil através de agências

internacionais de notícias – como, de fato, nenhuma agência é apontada pelo periódico como fonte dessas matérias. É possível que os editores de *Vanguarda* tenham tido acesso a esse tipo de informação através dos próprios mexicanos. Um elemento que fortalece essa hipótese é o fato de que, na época, o presidente Calles mostrava-se especialmente interessado em difundir internacionalmente uma imagem progressista de seu governo, vinculada ao atendimento de demandas trabalhistas. Os esforços oficiais mexicanos nesse sentido incluíram o envio de um representante operário à Argentina, como agregado diplomático, e ele manteve-se particularmente próximo do Partido Socialista Argentino. (YANKELEVICH, 1997, p. 321-39)

Portanto, uma das hipóteses possíveis sobre como os socialistas brasileiros podem ter tido acesso às informações que publicaram sobre o México seria através do agregado diplomático em Buenos Aires, possivelmente por meio de contatos entre os Partidos Socialistas Brasileiro e Argentino. Mas também é possível supor que eles tenham tido acesso a essas informações através da própria Embaixada do México no Brasil. Lembremos que os socialistas ligados a *Vanguarda* haviam estabelecido uma boa relação com o embaixador Torre Díaz, na época do congresso operário em que ele participou no Rio, em 1922. É possível que o contato com a

representação oficial do México no Brasil tenha sido mantido mesmo após a saída desse diplomata. De qualquer forma, o que parece inquestionável é o protagonismo exercido pelos próprios mexicanos para a circulação internacional de uma visão progressista sobre o México.

No caso da leitura realizada pelos socialistas brasileiros sobre a situação mexicana, em meados dos anos 20, o que mais chama a atenção é a maneira como se apropriaram dos acontecimentos do México de forma a transformá-los em argumentos para legitimar a posição assumida pelo Partido Socialista no cenário brasileiro. No caso da “questão religiosa” no México, por exemplo, o tema apareceu na tribuna dos socialistas como um conflito que opunha as forças reacionárias, representadas pelos “fanáticos religiosos”, ao processo de implantação efetiva do Estado laico republicano. A alusão à questão religiosa sob esse prisma permitia associar o “exemplo do México”, como denominaram, à posição assumida pelos socialistas brasileiros no plano nacional; ou seja, a compreensão da força da Igreja Católica como um dos principais empecilhos para a efetividade dos princípios republicanos no Brasil e uma dura crítica à “incapacidade” dos comunistas brasileiros para reconhecerem essa situação ou, como diziam, “a fatalidade dos fatos”, que fazia da “questão religiosa” uma das grandes

realidades nacionais. (*Vanguarda*, 19/07/1926, p. 5) Na concepção dos socialistas, os comunistas não possuíam uma perspectiva local, por isso não faziam uma leitura adequada da realidade brasileira e nem aprendiam com o “exemplo do México”, sobre o qual pairava um silêncio por parte dos comunistas.

A crítica socialista quanto ao “silêncio” dos comunistas em relação ao México revolucionário era, em grande medida, procedente. De fato, por volta de meados dos anos 20, não há praticamente menção à experiência mexicana no periódico oficial do PCB, *A Classe Operária*, e nem mesmo em *Voz Cosmopolita*, de onde Astrojildo Pereira travava uma intensa polêmica com as lideranças do PSB. Essa falta de comentários, mesmo que críticos, por parte dos jornais comunistas em relação à Revolução Mexicana dá o que pensar, principalmente quando se observa que essa ausência contrasta e muito com a verborragia que caracterizava suas discussões com os socialistas naquele momento.

Minha hipótese nesse sentido é a de que, para os comunistas brasileiros, em meio ao debate com os socialistas, a Revolução do México tornava-se um tema incômodo, na medida em que dificilmente poderiam contestar as transformações sociais que estavam sendo realizadas no México de maneira absolutamente autônoma do

paradigma soviético e que – como não deixavam de apontar os socialistas – faziam frente a problemas muito próximos da realidade brasileira.

Ao contrário do que ocorria entre os comunistas, para os socialistas brasileiros era o exemplo mexicano que ganhava centralidade. Um elemento importante que explica a apropriação absolutamente positiva da experiência mexicana pelos socialistas brasileiros é o fato de que a posição fortemente anticlerical do governo Calles era um ponto de contato primordial com uma realidade brasileira que muito incomodava os socialistas. Além da histórica força do catolicismo no Brasil, a intensa mobilização da intelectualidade conservadora católica no período fazia da batalha anticlerical uma das principais frentes de luta dos socialistas brasileiros nos anos 20.

De uma forma geral, o que os socialistas enxergaram na experiência mexicana foi um processo de transformação social a partir de um paradigma reformista, que possibilitava conjugar reformas sociais expressivas com garantia às liberdades individuais. Além dos socialistas, figuras importantes no cenário intelectual brasileiro também valorizaram a experiência mexicana a partir dessa mesma perspectiva. Em geral, foram figuras que teríamos certa dificuldade de encaixar nas “gavetas ideológicas” mais rígidas, com as quais muitas vezes lidamos.

Uma delas é a poeta Cecília Meireles.

Normalmente apontada como liberal, nos anos 30 a poeta e educadora exercia uma forte militância em torno da questão educacional, defendendo uma forte atuação estatal no sentido de realizar reformas educacionais; nesse contexto, tomou as reformas mexicanas como exemplares. Através do contato com o então embaixador mexicano no Brasil, o escritor Alfonso Reyes, Cecília Meireles manifestou seu interesse em conhecer melhor a política educacional do México, país que, segundo afirmou: “é, para mim, um exemplo e uma inspiração nesta hora de transformação da humanidade. De desejos de transformação, pelo menos...”. (MEIRELES. Carta a Alfonso Reyes, 16/03/1931) Para a poeta, a Revolução Mexicana havia proporcionado a realização de algo que ela tanto ansiava e pelo que “combatia” no contexto brasileiro: a ampliação da ação do Estado em prol da escolarização da população sob os moldes republicanos e laicos.

Outro personagem extremamente interessante para se pensar a valorização da experiência mexicana por figuras do cenário intelectual brasileiro é o pintor Emiliano Di Cavalcanti. Nos anos 30, apesar de filiado ao Partido Comunista, o pintor manifestava uma forte dificuldade de lidar com a disciplina partidária e com a ortodoxia comunista, conforme confidenciou em diversas cartas a

Alfonso Reyes, então embaixador mexicano no Brasil. O pintor foi – assim como a poeta Cecília Meireles – um dos principais interlocutores missivistas brasileiros do escritor mexicano Alfonso Reyes no período em que exerceu o posto de embaixador do seu país no Brasil (1930-1936). As cartas de Di Cavalcanti a Reyes revelam um grande interesse em conhecer o México e um verdadeiro encanto pelo muralismo mexicano, o que fez com que o pintor brasileiro acabasse desenvolvendo todo um imaginário idealizado sobre o México pós-revolucionário como um espaço aberto à criatividade, onde artistas e intelectuais podiam produzir com liberdade. (DI CAVALVANTI. Cartas a Alfonso Reyes, 12/07 e 14/10/1931)

Apesar da visão de Di Cavalcanti comportar um obvio elemento de idealização, não se pode questionar o caráter mais tolerante do Estado mexicano pós-revolucionário, em comparação com o caso russo, que era o seu ponto de analogia. Como destaca Javier Garciadiego (2010), a Revolução Mexicana implicou em uma relação muito específica entre os intelectuais mexicanos e o Estado, caracterizada por relações mais “fluidas e abertas” que as de outros contextos pós-revolucionários.

(GARCIADIEGO, 2010, p. 36)¹¹

A partir dessa perspectiva, é possível compreender porque a Revolução Mexicana acabou se transformando num modelo, exemplo ou ideal exatamente para uma parte da intelectualidade brasileira que procurava conciliar o anseio de transformação social com a defesa da liberdade individual. Nesse sentido, não resulta estranho que entre os principais personagens que valorizaram a experiência mexicana encontremos, além dos socialistas-democráticos, justamente figuras como poeta e artista.

Referências

AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: EDUSP, 2000.

BAGGIO, Kátia Gerab. *A Revista Americana (1909-1919) e as relações entre as Américas*. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (orgs.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 447-463.

CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. Agripino Nazaré e o movimento operário da Primeira República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 32, nº 64, 2013, p. 77-99.

CASTRO, Fernando Vale. *Pensando um continente: a Revista Americana e a criação*

¹¹As afirmações de Javier Garciadiego são feitas em comparação com o outro grande paradigma revolucionário da América Latina, que foi a Revolução Cubana, na segunda metade do século XX, mas, sem dúvida, comparação semelhante pode ser feita em relação ao caso russo.

de um projeto cultural para a América do Sul. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2012.

DI CAVALVANTI, Emiliano. Cartas a Alfonso Reyes, datadas de 12/07 e 14/10/1931. Acervo Capilla Alfonsina. México-DF.

DIAS, Natally Vieira. *A Revolução Mexicana nos debates político-intelectuais brasileiros: projeções, leituras e apropriações (1910-1941)*. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH, UFMG, 2015, (Tese de doutorado), 302 p.

GARCIADIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II: Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires, Katz, 2010, p. DO ARTIGO TODO_____.

JOFFILY, Mariana. *O socialismo na França e no Brasil durante a II Internacional Socialista (1889-1918)*. São Paulo: Alameda, 2012.

MEIRELES, Cecília. Carta a Alfonso Reyes, datada de 16/03/1931. Acervo Capilla Alfonsina. México-DF.

MORAES FILHO, Evaristo de. *O socialismo brasileiro*. Brasília: Senado Federal, 1981.

NAZARÉ, Agripino. “Bolchevistas de ópera cômica (Resposta ao Partido Comunista do Brasil)”, *Vanguarda*, 25/01/1926, p. 3

PALAVICINI, Felix. D. Venustiano Carranza. *Revista Americana*, vol. XIX, nº 4, janeiro de 1918, p. 19-28.

PUIG CASSAURNC, José Manuel. *La aspiración suprema de la Revolución*

Mexicana. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, 1933.

_____. *La aspiración suprema de la Revolución Mexicana*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, 1933.

SOUSA, Fábio Silva. *Operários e camponeses: a repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira (1910-1918)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. *Vanguarda*, “O México na vanguarda das reivindicações proletárias”, 16/11/1925, p. 5.

_____. “O recuo estratégico”, 04/01/1926, p. 5.

_____. “Palavras do presidente Calles à Convenção Geral dos Obreiros do México”, 12/04/1926, p. 5.

_____. “Fatalidade dos fatos”, 19/07/1926, p. 5.

_____. “O exemplo do México”, 09/08/1926, p. 5.

YANKELEVICH, Pablo. *Miradas australes: propaganda, cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana en el Río de la Plata, 1910-1930*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, Secretaría de Relaciones Exteriores, 1997.

_____. En la retaguardia de la Revolución Mexicana: Propaganda y propagandistas mexicanos en América Latina, 1914-1920. *Boletín Americanista*, Univerdidade de Barcelona, nº 49, 1999, Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/listaarticulos?tipoDeBusqueda=ANUALIDAD&revistaDeBusqueda=5730&claveDeBusqueda=1999>> (acesso em 05/06/2014).